

Homenagem à altura da lenda!

- Sem mobilizações partidárias, sem circulares nas instituições públicas, sem autocarros públicos, sem camisetas e bonés, sem água e refrigerantes, milhares de pessoas foram ontem à emblemática Praça da Independência prestar a última homenagem ao Azagaia, o rapper que se popularizou através das suas músicas de intervenção social. Foi a maior homenagem popular de que há memória nos últimos anos.





Enquanto nos Paços do Município decorria o velório, a mais genuína homenagem decorria do lado de fora, onde milhares de jovens recitavam as mais combativas letras de Azagaia. Com punhos no ar, os jovens gritavam “Ladrões...fora; Corruptos...fora; Assassinos...fora; Gritem comigo para essa gente ir embora”, o incisivo refrão da letra “A Marcha”. E como não podia deixar, a multidão também vibrava com o coro do “Povo no Poder”, outra letra que confronta directamente o poder do dia.

De costas para a multidão, a estátua de Samora Machel parecia o único presente na Praça da Independência desinteressado com a última despedida do Azagaia. Uma despedida que, por ironia do destino, decorria no mesmo local onde, há 36 anos, o corpo de Samora Machel foi velado depois de uma histórica homenagem. À época, Edson da Luz era um bebé de apenas dois anos que desfrutava a sua primeira infância na vila fronteiriça de Namaacha, a 80 quilómetros da capital Maputo.

Azagaia, o herói do povo que construiu a trajectória nos antípodas do politicamente correcto, foi-lhe permitido entrar nos Paços do Município quando já não representava nenhum “perigo” para os políticos. Sua voz revolucionária tinha calado para sempre. Seus olhos que enxergavam o que muitos não viam estavam vidrados. Em vida, era impensável que Eneas Comiche, um edil avesso às mais pacíficas manifestações, autorizasse



um espectáculo de Azagaia na Praça Independência. Para cantar “Povo no Poder” ou para pedir aos fãs que gritassem com ele para “essa gente ir embora”.

Deitado no caixão, a lenda foi acompanhando os discursos de ocasião, desde a família que, na voz de Jorge Rungo, apontou para um ataque de epilepsia como a causa da morte; os irmãos que elogiaram a coragem do “Mano Edson”; as filhas que agradeceram pela educação e atenção do pai; os amigos que o lembraram como o mensageiro do

povo oprimido; a sociedade civil (representada pelo Prof Adriano Nuvunga) que falou do Azagaia ostracizado e humilhado pelo sistema; e do Governo, na pessoa da Ministra da Cultura e Turismo, que sublinhou o contributo de Azagaia para a cultura.

Lidos os discursos e feita a derradeira homenagem nos Paços, a família velou o corpo e finalmente o caixão desceu as escadas do átrio do Município perante uma forte ovação de milhares de fãs que aguardavam pela lenda do lado de fora. Foi preciso muito empe-

no dos seguranças e do mestre de cerimónia para evitar que a multidão obstruísse o cortejo fúnebre. Todos queriam ver e fotografar pela última vez o jovem que cantou e encantou o povo.

Um dos momentos mais emocionantes foi quando a música de Azagaia finalmente fez-se ouvir a som alto: quase todos os presentes, todos jovens e adultos, repetiam em uníssono o coro da letra “A Marcha”, enquanto o protocolo acondicionava o caixão no atrelado da viatura da funerária. No ar, além dos punhos cerrados, uma das marcas de Azagaia, viam-se centenas de telemóveis que registavam para a posteridade a homenagem mais natural e mais espontânea de um ícone que se fez fora dos habituais e confortantes corredores políticos.

E porque havia necessidade de livrar o espaço do Município, o cortejo fúnebre iniciou a sua trajectória descendo pela avenida que leva o nome de Samora Machel e para a qual a sua estátua de bronze está virada. Sem poder acenar para o povo de que tanto falava nos comícios ali na Praça da Independência, o Primeiro Presidente de Moçambique pelo menos teve a oportunidade de assistir, como testemunha muda, à partida de um herói do povo que dispensa decretos oficiais.

O cortejo fúnebre parecia correr normalmente até pouco depois da Praça Robert Mugabe, onde estava posicionada um contingente da Unidade de Intervenção Rápida (UIR) com viaturas blindadas. O objectivo era impedir que a multidão que acompanhava a urna para o Cemitério de Michafutene seguisse pela rua próxima à Ponta Vermelha (residência oficial do Chefe de Estado) e continuasse pela Julius Nyerere, a avenida onde fica a Presidência da República.

Na verdade, o trajecto planeado para o cortejo fúnebre implicava passar pelos principais centros do poder político... e o apelo do Azagaia era o “povo no poder”. O Governo não minimizou esse risco: perante a multidão de jovens que seguia o cortejo fúnebre, a segurança do Estado mobilizou agentes da UIR (que formavam o primeiro cordão de segurança) e efectivos da Casa Militar, a força responsável pela protecção do Chefe de Estado. O troço da Julius Nyerere que atravessa a Presidência da República estava cercado por militares armados, incluindo um blindado. O mesmo cenário na zona da Ponta Vermelha.

Perante a intransigência da Polícia, a viúva do Azagaia teve de abandonar a viatura para pedir passagem. “O que eu vos fiz? Que mal vos fiz? Eu só quero enterrar o meu marido, por favor. Controlem a população, mas deixem-nos passar. Porquê não podemos passar? Deixem-me enterrar o meu marido com dignidade”, apelou Rosa da Luz. A Polícia não



desmobilizou, mas permitiu que o carro com a urna seguisse em frente. A multidão teve mesmo que recuar e seguir pela Avenida de Moçambique até ao cemitério de Michafutene, onde jazem os restos mortais do *rapper*

do povo.

Mais do que um momento do derramar das lágrimas, a homenagem foi uma autêntica celebração da vida da lenda... porque as lendas nunca morrem.

**INFORMAÇÃO EDITORIAL:**

Propriedade: CDD – Centro para Democracia e Desenvolvimento
Director: Prof. Adriano Nuvunga
Editor: Emídio Beúla
Autore: Emídio Beúla
Layout: CDD

Contacto:
Rua de Dar-Es-Salaam Nº 279, Bairro da Sommerschild, Cidade de Maputo.
Telefone: +258 21 085 797

 CDD_moz
E-mail: info@cddmoz.org
Website: <http://www.cddmoz.org>

PARCEIROS DE FINANCIAMENTO